

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O INDIELISBOA:
DORIS WISHMAN
29 de Abril e 5 de Maio de 2022

DIARY OF A NUDIST / 1962

Um filme de Doris Wishman

Realização: Doris Wishman / Argumento: Doris Wishman, com o pseudónimo Melvin Stanley / Direcção de Fotografia: Raymond Pheelan / Música: Harry Glass / Som: Morris Sands / Montagem: Martin Samuels / Interpretação: Davee Decker (Stacey), Norman Casserly (Arthur), Dolores Carlos (Marie), Una Diehl (Susan), Joan Bamford (Helen), Maria Stinger (Eleanor), Harry W. Stinger (John), Charles Allen (Tom), etc.

Produção: Dawn Productions / Produtora: Doris Wishman / Cópia: Digital, colorida, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 72 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Sessão de dia 5 com a presença de Lisa Petrucci

Terceiro filme de Doris Wishman, **Diary of a Nudist** – que sendo um título bastante descritivo dificilmente será uma citação deliberada de outro famoso diário (o de um sedutor, de Kierkegaard) - poderia funcionar bem como epítome do que eram os “nudies”: tudo gira à volta da nudez (o campo de nudistas que é o sítio central da acção, ou da “acção”), e do princípio ao fim o ecran está repleto de gente nua, a solo ou em grupo, muito mais elas que eles, nas mais diversas poses falsamente naturais (porque tudo é rigorosamente enquadrado de forma a que a nudez seja sempre santa: muito *derrière*, muito *bosom*, mas genitália, feminina ou masculina, nem vê-la). É um “nudie” muito púdico, como quase todos eram, pelo menos na vertente que passou a história como o “nudie cutie”, e se alguma graça tem (para além da questão histórica) ela vem daí, dessa inocência quase infantil, da bonomia generalizada da descrição do que pode ser comparado a uma comunidade “hippie” eventualmente *avant la lettre* e povoada por exemplares da classe média americana. Podia ser um longo reclamo promocional para o “resort” nudista em que tudo se passa, e na volta era mesmo, ou serviu para isso mesmo.

Porque toda a “narrativa” anda à volta da aceitação – ou mais do que isso, da aprovação – do nudismo. Começa quando um director de jornal descobre a existência do campo e adivinha ali muito material moralisticamente sensacionalista. Continua quando envia uma jornalista “experimental” o campo e o nudismo para depois relatar, nas páginas do jornal, a perversão que tudo aquilo constitui. Conclui-se quando o director do jornal, aborrecido com o artigo abonatório (em vez do artigo censório que esperava) escrito pela rapariga, vai ele próprio “experimental” o nudismo e, evidentemente, converter-se. Até acaba em romance e tudo, porque corpos despidos também deixam a alma e o coração todos à vista.

A fotografia, eventualmente bastante tratada no restauro digital, é bastante bonita, cheia de cores, sobretudo os azuis da água da piscina e os verdes muito verdes da vegetação da Califórnia. As cores servem de enquadramento à colecção de postais nudistas que constitui o essencial dos planos de **Diary of a Nudist**. Pessoas em férias, a ler, a beber, a conversar à beira da piscina, mas tudo nu.

Todo o investimento está aqui, o resto é mero suporte, sobretudo o arremedo de “narrativa” e as personagens que não existem para além do esquematismo – são, literalmente, corpos prontos-a-despir.

Sessenta anos depois, vê-se como uma curiosidade que ainda não é bem, bem, “sexploitation”. No futuro, Doris Wishman, sem abdicar dos princípios de base (chamemos-lhes assim) de **Diary of a Nudist**, faria filmes com outra complexidade e outra capacidade de perturbação.

Luís Miguel Oliveira